



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 67 — N.º 803 — 13 de Agosto de 1989

Redacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef. 049/52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 200\$00
Estrangeiro (via aérea) 350\$00

ORTE PAGO

Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

Crede no Amor de Deus

Da mensagem do Santo Padre por ocasião do «Dia Mundial do Migrante» neste ano de 1989, transcrevemos as seguintes passagens que tratam de Nossa Senhora como ponto de referência para migrantes e exilados.

Tendo ainda vivo na alma o eco do Ano Mariano, recentemente concluído, apraz-me olhar para os migrantes à luz de Maria, que «entrou intimamente na história da salvação e, por assim dizer, reúne em si e reflecte os imperativos mais altos da nossa fé» (Const. Lumen Gentium, 65).

* * *

A Virgem Santa, na verdade, pelo modo com que viveu a sua vicissitude humana, põe-se como ponto de referência para os migrantes e os refugiados. A sua vida terrena foi marcada por um contínuo peregrinar de um lugar a outro: o dirigir-se à pressa para junto da sua prima Isabel; a ida a Belém para o recenseamento, onde, por falta de outro lugar à disposição, deu à luz o Filho numa gruta; a viagem a Jerusalém para a apresentação de Jesus no templo; o caminhar solícito e discreto a seguir Jesus na sua actividade apostólica na Palestina; a presença de sofrida participação no Calvário.

* * *

Maria, além disso, conheceu por experiência directa a angústia do exílio e da emigração em terra estrangeira; para lá foi constringida a ir por causa da ameaça que pesava sobre a vida de Jesus. «Um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, e disse-lhe: 'Levanta-te, toma o Menino e Sua Mãe, foge para o Egipto... pois Herodes procurará o Menino para o matar' (Mt. 2, 13). Tratou-se de uma fuga imprevista, realizada de noite, num clima dramático, em que certamente não faltaram aquelas atribulações e angústias que vós, migrantes e refugiados, infelizmente bem conheceis: o trauma da separação das pessoas e das coisas, o abandono das esperanças mais queridas, o caminhar por lugares desconhecidos, a difícil procura de um refúgio em terra estrangeira onde tudo é incógnito, a incerteza de um trabalho que consinta encontrar os meios de subsistência, o clima de suspeita, de discriminação e de recusa, que não raro se percebe no regresso, a precariedade das situações que torna inseguro qualquer programa de vida para si e para os familiares, em particular para os filhos.

Nas vicissitudes da Virgem Santíssima aparecem assim antecipados, e como que reflectidos, não poucos aspectos da vossa vicissitude pessoal. À sua luz, contudo, vós podeis colher uma singular relação entre a vossa experiência e a própria história da salvação.

* * *

A bem-aventurança da fé de Maria alcança o seu pleno significado aos pés da Cruz, onde Ela, com ânimo materno, se associou ao sacrifício de Jesus: «Assim avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com o seu filho até à cruz» (Const. Lumen Gentium, 58). Aqui Jesus confirma a função de Maria como Mãe solícita para com os filhos, tal como já se mostrara por ocasião das bodas de Caná. Encontramos aqui «o reflexo e o prolongamento da sua maternidade para com o filho de Deus» (Enc. Redemptoris Mater, 24). Maria é posta como ponto de referência para a Igreja e para os indivíduos no caminho da fé, rumo ao Senhor. Por esta razão, brilha «como sinal de esperança segura e de consolação», para o peregrinante Povo de Deus (Const. Lumen Gentium, 68).

* * *

N'ela, pois, caros migrantes, tende confiança. A Ela entregai-vos em todos os sofrimentos inerentes à vossa condição. Crede no amor de Deus por vós, mesmo quando é difícil vê-lo ou percebê-lo nos acontecimentos e no comportamento dos homens. Recorrei sempre a Maria, recorrei a Maria com firme confiança! E recordai que isto não significa procurar n'ela compreensão apenas para o tempo da emergência, à espera de readquirir segurança humana, para depois abandonar a esta, como que cegos a um destino superior e surdos ao encontro com Deus. Ao contrário, recorrer a Maria e entregar-se a Ela significa alargar a esperança àqueles espaços em que Deus pode entrar e actuar. Maria é o início de um povo que recebe o Salvador. Ela conhece a miséria e a debilidade dos homens, mas sabe também que todo o mal, incluindo o pecado, não tem a última palavra acerca do homem. Ela faz a experiência da Cruz e sabe que se pode «estar em pé» ao seu lado.

O SENHOR CORRIGE AQUELE QUE AMA

Dentro do tema da reconciliação com Deus, que o Santuário escolheu para este ano, vamos explorar, no mês de Agosto, o sub-tema do castigo de Deus como correcção do homem.

Os tempos não são de molde a criar no homem a aceitação do sofrimento, mesmo correctivo. Paira ainda no ar uma certa mentalidade paradisiaca, criada desde o século passado, e acelerada com o progresso das ciências, segundo a qual a solução de todos os males e sofrimentos estaria no simples carregar de um botão. No botão dos nossos aparelhos, criados pela nossa técnica, criada pela nossa ciência, acabariam os nossos sofrimentos e talvez mesmo, um dia mais tarde, a própria morte.

Diante disto, torna-se difícil aceitar o sofrimento, e mais ainda se ele nos vem da mão de Deus, que nem sequer precisaria de botões para no-lo evitar.

Mas a frase que escolhemos para título, e faz parte do sub-tema de Agosto, vem na Sagrada Escritura, no cap. 3, vers. 12 do Livro dos Provérbios: «O Senhor corrige aquele que ama e açoita todos os que reconhece por filhos». São palavras que devem ler-se à luz do que acontece na instituição familiar, onde a primeira realidade é o amor:

um amor que tende a tornar felizes os membros da família, e pelo qual os mais velhos protegem os mais novos e lhes dão segurança suficiente para enfrentarem os riscos da vida; um amor também que não hesita em reprimir movimentos desordenados ou corrigir instintos desequilibrados, apesar do sofrimento que isso possa acarretar.

Nem sempre nos nossos sofrimentos é evidente a mão amorosa de Deus, ou porque nos achamos inocentes de culpas graves ou porque o sofrimento (vem a ser o mesmo) nos parece desproporcionado com os nossos pecados. Não raro poderá aflorar-nos aos lábios a queixa de Job, quando chegou a desejar a morte, impossível, do dia em que vira a luz do mundo: «Se pequei, que mal te fiz com isso, ó protector dos homens?» (Job 7, 20). E não temos nós, na nossa língua, uma expressão semelhante, que na boca dos crentes pode não passar de um lamento como o de Job, enquanto para outros poderá ser uma blasfémia: «que mal terei eu feito a Deus?»

Muitas destas interrogações se desvanecem na contemplação atenta de Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Ele, que se fez livremente

pecado para sofrer na sua carne o castigo de todos os homens, levou até ao inexplicável o valor do sofrimento e convidou-nos, pela sua cruz, a aceitarmos o sofrimento que nos vem de Deus, já que ele não pode ter nem outra fonte nem outra razão nem outro fim que não seja o amor. E se não for para nossa directa correcção, será para a correcção de irmãos nossos, por quem o Senhor nos pede tomemos a cruz redentora. Corrigidos por Deus, como a criança por seu pai, mais seguros nos sentiremos do Seu Amor, mais livres para enfrentar o futuro, mais capazes de darmos aos outros o exemplo e a palavra que por sua vez os salvará.

Se não for pois suficiente a sabedoria do Antigo Testamento sê-lo-á a do Novo, que na boca de Paulo nos explica o enigma de tanto sofrimento que não parece correctivo do pecado de quem o sofre: «Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, pelo seu corpo, que é a Igreja» (Colossenses 1, 24).

Mas atenção, não vamos jogar aos inocentes: Há dores que são correctivas e só curam mesmo aqueles que as aceitam como tais.

L. G.

Modere o uso das velas

Porque gostam tanto os peregrinos de oferecer velas? É uma pergunta a que convém encontrar resposta, sob pena de falharmos no nosso propósito pastoral ao aconselharmos moderação no uso das velas.

As razões serão várias, a começar pelo facto de a luz ser a coisa mais bela da criação. Acresce a isso que a vela é um objecto muito concreto e as pessoas gostam de oferecer coisas que se vejam e toquem. Somos seres corporais e é normal que essa marca apareça nas coisas que oferecemos a Deus, apesar da recomendação de Jesus à Samaritana, na esteira aliás dos profetas do Antigo Testamento: «Vai chegar a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores não-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são esses os adoradores que o Pai deseja» (S. João 4, 23). Aliás esta recomendação não proíbe nem censura o uso das coisas materiais para o louvor de Deus. Assim a Igreja construiu templos e levantou altares desde os seus primórdios, e os cristãos continuaram a apresentar ao Senhor os dons materiais «fruto da terra e do trabalho do homem».

Nesta linha de ideias, o peso e a medida das coisas que oferecemos a Deus pode exprimir o interesse espiritual que colocamos

nas nossas relações com Ele. Dai que durante muito tempo, e ainda hoje, alguns se lembram de oferecer uma vela da sua altura e outros tantos quilos de velas como os do seu corpo. Ainda outros vão mais longe e mandam fazer uma figura que se pareça com a

sua ou com a parte do seu corpo sobre que receberam alguma graça pedida. Nada disto seria condenável se, pelo caminho, não houvesse certos riscos e desvios a evitar. Assim é sabido que um

● Continua na 3.ª página

A galinha dos ovos de ouro

Diz a fábula que um dia, lá para as bandas do império grego, um pobre agricultor teve a feliz surpresa de verificar que, em lugar do ovo normal, a sua galinha pusera um ovo de ouro... No dia seguinte, ao ouvir cacarejar, vai a ver, e de novo outro ovo de ouro. O entusiasmo subiu-lhe à cabeça e começou a sonhar que a sua galinha havia de fazer dele um homem rico. Com o entusiasmo veio a impaciência e sobretudo o receio de que alguma macacoa, ou algum vizinho invejoso, lhe dessem cabo da preciosa galinha. Tomou então uma decisão de génio: em lugar de esperar todos os dias por um novo ovo de ouro, mataria a galinha e tirava-lhe do ventre, de uma só vez, toda a riqueza daquela mina admirável. Se bem o pensou, melhor o fez. E foi grande a desilusão quando se deu conta de que o animal não tinha lá dentro senão uns reles princípios do precioso ovo que dia a dia deitava cá para fora.

O senhor Primeiro Ministro de Portugal disse, num domingo destes, na Póvoa de Varzim, que muitos portugueses estão a querer fazer à mina do turismo o que o agricultor grego fez à sua galinha.

Temos esperança de que tão elucidativo discurso tenha sido ouvido pela população de Fátima e de Aljustrel, mas sobretudo pelas autarquias local e concelhia, que são as autoridades encarregadas de velar para que meia dúzia de habitantes não caia na fabulosa tentação da fábula.

12 anos nas «Testemunhas de Jeová»

ENTREVISTA COM JEAN-FRANÇOIS BLANCHET, PRESIDENTE DO TRIBUNAL DA APELAÇÃO DE FORBACH (ALSÁCIA)

Em 1966 Jean-François Blanchet, católico fervoroso mas pouco instruído, deixava-se cair nas malhas das «testemunhas de Jeová». Estava então no último ano do curso liceal e ia entrar na faculdade de medicina. Abandonou os estudos e cortou parcialmente com a família. Depois de 12 anos de militância na «sociedade», regressou à Igreja Católica. Hoje é Presidente do Tribunal de Apelação de Forbach (na Alsácia) e anima, de acordo com o Bispo de Metz, um grupo de trabalho no âmbito do movimento Pastoral e Seitas, procurando pôr de sobreaviso as pessoas contra a acção proselitista, dos seus antigos companheiros, que julga muito nociva. A revista hebdomadária France Catholique, de Paris, publicou no n.º do passado dia 12 de Maio uma entrevista com J.-F. Blanchet, que transcrevemos na íntegra (N. da R.).

France Catholique (F. C.) — Quando é que encontrou as «testemunhas de Jeová»?

Blanchet (B.) — Conheci as «testemunhas de Jeová» no final dos meus estudos liceais: eu era um estudante bem comportado, sem problemas, católico, indo à missa várias vezes na semana.

F. C. — Um estudante aparentemente sem problemas...

B. — Exteriormente pelo menos. Interiormente eu experimentava uma certa instabilidade confusa. Com o recuo do tempo apercebo-me agora que as minhas convicções católicas não assentavam sobre nenhum conhecimento, mesmo sumário, da Bíblia e designadamente dos Evangelhos. Eu aceitava mecanicamente o ritual, sem procurar enraizá-lo no saber. Os nossos padres não se preocupavam por nos dar uma educação religiosa que fosse além daquela que nos era ministrada no ensino do catecismo.

F. C. — Como é que se deu o seu primeiro contacto com as «testemunhas de Jeová»?

B. — O primeiro encontro teve lugar precisamente ao sair da missa. Um membro das «testemunhas de Jeová», que pregava de casa em casa, esperava-me na minha. Ele tinha já vindo ali estando eu ausente e deixando revistas que eu havia lido. Disse a minha mãe que se este «sujeito» voltasse, gostaria de me encontrar com ele para lhe explicar o que eu pensava acerca destas publicações. Veio, de facto, e eu levei-o imediatamente para o campo das minhas preocupações na época, que se relacionavam sobretudo com a filosofia. O meu interlocutor era um homem simples que depressa se mostrou incapaz de me acompanhar no terreno para o qual o conduzia. Não tinha sido formado para isso. No final do encontro, dando conta das suas carências, o homem prometeu que voltaria acompanhado de alguém «mais instruído do que ele para discutir com pessoas como eu que tinham feito estudos». Alguns dias depois voltou, efectivamente, acompanhado de um outro da «sociedade». Este não se deixou impressionar pelos meus raciocínios.

F. C. — Como é que a entrevista se desenrolou?

B. — O homem começou por me perguntar se eu conhecia a Bíblia. Fiquei embaraçado pois eu não conhecia a Bíblia, pelo menos no sentido fundamentalista segundo o qual ela interpretava. Diante da minha hesitação perguntou-me: — Segundo a sua opinião, o que é a alma? É um espírito, respondi eu. — Será que a alma é imortal? Prosseguiu o meu interlocutor. — Sem dúvida, foi a minha resposta. — Mas veja que não é isso que a Bíblia diz. E começou a apontar-me os textos do Êxodo e do Levítico onde se diz: «A alma de toda a carne está no sangue», e continuou a citar-me textos bíblicos em que se faz a identificação da alma com o sangue (essa é uma das grandes preocupações das «testemunhas de Jeová»).

De seguida leu-me outra passagem da Bíblia que era totalmente surpreendente para mim (era o versículo 5 do capítulo IX do Eclesiastes): «Não há nem sabedoria nem pensamento na morada dos mortos para onde tu vais». Esta era uma afirmação que contrariava o meu pensamento de católico. Depois ele continuou a contrapor versículos bíblicos a todas as respostas que eu lhe dava. — Crê que Jesus é Deus e que ele é igual ao Pai? Essa era de facto a minha crença. Ele, porém, com provas bíblicas em seu apoio, demonstrou-me que eu estava errado. Todo o encontro se desenrolou dentro deste esquema. Eu era incapaz de me opor aos seus argumentos — argumentos que estavam escritos na própria Bíblia —, incapaz de me confrontar com tal dialéctica. Quando ele se foi embora, fiquei profundamente abalado no mais íntimo das minhas convicções católicas. Deixou-me como que sem bússola e imerso em plena dúvida.

F. C. — Foi este desconhecimento dos textos que fez de si uma «testemunha de Jeová»?

B. — Foi pelo menos o ponto de partida. Mais tarde apercebi-me que se eu tivesse tido as bases necessárias para colocar no seu contexto as passagens

que ele me tinha citado, não me teria deixado apanhar por esta interpretação sumária. É preciso também dizer que esta linguagem maniqueia, simples e directa, praticada pelas «testemunhas», atinge facilmente o homem médio ou o adolescente instável à procura de certezas. Estes versículos, que caem como marteladas, têm uma grande força de persuasão e produzem um efeito de sedução e segurança para aqueles que sentem necessidade de verdades imediatamente apreensíveis. Nesta dialéctica visualiza-se rapidamente onde se situa o bem e o mal, sem ter necessidade de recorrer a uma reflexão profunda. É aqui que está o perigo de uma tal linguagem.

F. C. — O seu compromisso com as «testemunhas de Jeová» deu-se logo de seguida a este encontro?

B. — Não; não foi logo de seguida. Estávamos no fim do ano escolar e eu parti para férias. Levei comigo as publicações que o meu «visitante» me tinha deixado. À medida que as ia lendo, eu ficava convencido de tudo: do absurdo da Trindade, do culto dos ídolos na Igreja Católica, do fim dos tempos que estava próximo, da falsidade da crença no inferno. Tudo isto se tornava claro. A minha «catequização» foi feita praticamente sozinho. No princípio do ano escolar seguinte continuei, apesar de tudo, a ir à Missa. Aos meus amigos católicos eu punha as questões que me tinham sido postas pelas «testemunhas de Jeová». Como me tinha acontecido a mim, eles eram incapazes de responder. Procurei também alguns sacerdotes. Receberam-me distraidamente, repetindo aquelas fórmulas tranquilizadoras que se dizem aos adolescentes em crise. Foram todas estas vãs tentativas de esclarecimento que me levaram a tomar a decisão de me fazer «testemunha de Jeová». Um dia em que o «pregador» me tinha visitado passava nas ruas da minha cidade, eu fiz parar o meu automóvel para lhe dizer que estava decidido a entrar para a sociedade.

F. C. — A sua decisão foi tomada de um dia para o outro?

B. — Não foi tomada de um dia para o outro. Eu tinha terminado os meus estudos liceais e começado o curso de Medicina. Só depois é que interrompi os estudos.

F. C. — Porquê?

B. — Porque, segundo a profecia das «testemunhas de Jeová», o fim do mundo vai dar-se no ano de 1975. Eu não via, pois, qualquer utilidade em continuar a estudar, em me apaixonar por uma profissão, em fundar uma família. Em suma: em viver como toda a gente.

F. C. — Voltamos aos seus primeiros anos de militância. Como é que se deu a sua inserção nas «testemunhas de Jeová»?

B. — Frequentei, primeiro, as reuniões. Eu sentia-me bem nelas. Era um ambiente cheio de calor humano, muito acolhedor. As pessoas que ali encontrava tinham resposta para tudo. Em 1967 tomei parte, pela primeira vez, num grande congresso das «testemunhas de Jeová» em Saint-Dié. Voltei entusiasmado, convencido do ideal destes «cristãos». O ambiente do congresso era caloroso; cada um que ali falava da sua fé fazia-o com entusiasmo. No verão do mesmo ano fui baptizado por imersão numa piscina em Nancy. Comecei então a pregar, andando de porta em porta, persuadido de que ali estava a verdade.

F. C. — As suas convicções eram totais?

B. — Totais. Eu estava convencido de que nós vivíamos os últimos dias do «presente sistema de coisas» — para usar a fórmula da «sociedade» —; convencido de que a Igreja era o paganismo e que os Estados políticos eram instituições do diabo, que era preciso afastar sob pena de ser condenado aos infernos; convencido de que todas as representações de santos (estátuas, imagens, medalhas, etc.) mais não eram do que objectos para idólatras. Todos os objectos religiosos que eu possuía dei-os fora, com grande escândalo da minha avó, que não aprovava que me desfizesse de todas estas recordações de família. Numa palavra: eu estava comprometido dos pés à cabeça.

F. C. — Em 1966, quando o senhor entrou para a «sociedade», as «testemunhas de Jeová» previam o fim do mundo para 1975. Em que é que se fundava essa profecia?

B. — De momento senti uma decepção que todavia não conseguiu deitar por terra a minha convicção nem a dos meus irmãos. Imputámos este erro de data à falta de rigor dos nossos estudos bíblicos e refizemos, em seguida, os nossos cálculos, sempre persuadidos de que estávamos na verdade absoluta. As «testemunhas de Jeová» estão aliás muito habituadas a este tipo de enganos. Há mais de um século que os seus adeptos vêm adiantando datas precisas para o fim do mundo, sem que o acontecimento se tenha verificado. Fazem-nos compreender que cada novo fracasso é uma prova da nossa fé.

F. C. — Qual é o balanço que faz destes doze anos passados na «sociedade das testemunhas de Jeová»?

B. — Foram os melhores anos da minha vida que eu dei à «sociedade». Eu pertencia a um pequeno grupo (a um grupo assim dá-se o nome de «congregação») que estava em Dieuze, no Mosela. Tornei-me rapidamente um dos pilares dessa congregação. Eu sabia fazer discursos, preparar os temas, aconselhar os pregadores, dirigir os estudos; era igualmente capaz de traduzir as publicações americanas que vinham do «santuário». Nesta congregação vim a ser em breve um «ancião» e, depois, «Presidente». Eu fazia consequentemente parte do grupo dos profetas eleitos. Era uma situação ao mesmo tempo sedutora e sobretudo dadora de segurança. O que é característico da seita é que os seus membros se mantêm num estado de adolescência permanente, desresponsabilizados na medida em que o único dever, que importa assumir, é o de se «manterem fiéis ao ensinamento da sociedade», para serem do número dos que se salvam no dia do fim dos tempos. Foram, no fim de contas, anos sem história.

F. C. — Fugindo a tudo o que não fazia parte da «sociedade»?

B. — Exactamente, pois, segundo a nossa filosofia, todo o compromisso com a vida cívica era condenado, toda a participação nas festas cristãs um acto pagão. Já não havia Natal nem Páscoa nem nada que pudesse tecer relações normais com o mundo exterior (a família, os amigos...). Toda a nossa vida era centrada permanentemente à volta das «testemunhas de Jeová», pois só eles eram os seres puros que seriam salvos da morte no dia do fim do mundo. Nós vivíamos continuamente nessa tensão, com medo de sermos destruídos, de ser excluídos da «sociedade» (portanto morto) antes do fim dos tempos. Aliás as relações continuadas com pessoas do mundo exterior podiam ser objecto de sanções, indo até à exclusão da «sociedade», e ninguém ousava correr esse risco. Ao olhar agora mais de perto essa situação, ela apresenta-se-me mais como um condicionamento do que um real compromisso de fé.

F. C. — Diga-me: como é que se consegue condicionar assim as pessoas?

B. — Nas «testemunhas de Jeová», como em todas as seitas, exploram-se as nevroses que estão latentes em cada um de nós. Para esquematizar direi que se explora um certo desejo de poder: um membro da «sociedade» é aquele que possui a verdade, que sabe, que pode explicar tudo, que é eleito, escolhido por Deus, etc.; é valorizando-as, designadamente às pessoas simples — que, de repente, se encontram revestidas de um saber e de uma responsabilidade nada habituais para elas — que se conseguem estes resultados. O segundo factor nevrótico é a segurança. «O irmão» está encerrado numa malha doutrinal muito forte. A verdade está ao alcance da sua mão: basta que se lhe conforme e será salvo. É esta visão tranquilizante do mundo que permite ao membro da «sociedade» viver liberto das angústias do futuro ou daquelas que fazem parte da vida quotidiana. Aconteça o que acontecer, tem-se a certeza — se se obedece — de poder sair dessas angústias.

F. C. — Esta filosofia da inacção, se lhe desse livre curso, tornar-se-ia numa

O que é o fundamentalismo?

Ao longo dos últimos anos, os meios de comunicação vêm falando de fundamentalismo, sobretudo quando se referem a alguns grupos do islamismo, mais aguerridos, e mesmo violentos, na defesa da sua fé. Assim o campeão do fundamentalismo islâmico foi sem contestação o último presidente do Irão, Khomeiny, ao qual se associaram muitos grupos de muçulmanos, tanto nos países de religião oficial islâmica, como mesmo em países cristãos. E também no cristianismo, e até no judaísmo, se verifica esta tendência para o fundamentalismo, sobretudo em épocas de mudança, como a nossa, em que às vezes parece que algumas pessoas apostam em deitar por terra os fundamentos mais indiscutíveis da religião ou de outros valores que regem a vida em sociedade. Daí que também entre os comunistas, que nasceram todos de Karl Marx como o grande teórico do comunismo, e de Lenine, como o primeiro que ousou pôr as teorias de Marx na prática política, se fale igualmente de regresso fundamentalista, por parte de certos grupos que não aguentam as mudanças em vias de introdução nalguns dos países marxistas. Enquanto os defensores de reformas «revolucionárias», como a introdução da democracia ocidental, são acusados de contra-revolucionários, eles mesmos se chamam a si reformistas, pretendendo que não querem acabar com o socialismo, e sendo contrariados nisso pelos conservadores, como são actualmente os dirigentes chineses e o presidente de Cuba, os quais conservadores são por sua vez incitados às suas posições pelos tais grupos fundamentalistas, os quais são maximamente conservadores, pois entendem que nada se deve mudar nem actualizar nos textos fundamentais, que são escritos por Marx e Lenine.

Chegados a este ponto, já os leitores vêem que vale a pena explicar o que é o fundamentalismo, pois certamente se têm encontrado com pessoas de pequenos grupos ou seitas de cristãos, geralmente muito agressivos no seu «apostolado», e que são verdadeiros fundamentalistas no que diz respeito ao uso da Bíblia. Estas pessoas não são aliás difíceis de refutar por quem tenha alguns conhecimentos bíblicos, já que usam argumentos demasiado dependentes de afirmações bíblicas que empregam uma linguagem figurada, linguagem que usa imagens ou géneros de conversação à base de comparações, poesia, exageros, e outros recursos da comunicação humana, que não são para se tomar mesmo à letra. Deus nos livre que as crianças tomassem à letra tudo o que os adultos lhes dizem!

Posto isto, vamos transcrever da revista Lumen, do passado mês de Maio, a explicação do fundamentalismo, conforme vem numa obra editada em França. Vem esta transcrição a propósito da larga entrevista que aqui também transcrevemos sobre as Testemunhas de Jeová, um grupo certamente fundamentalista.

«Certos leitores da Bíblia recusam-se a reconhecer nela géneros literários variados, vedam o caminho a toda a espécie de crítica e tomam à letra todas e cada uma das palavras da Escritura Sagrada.

Para esses leitores o mundo foi criado em seis dias de 24 horas, Eva formada de uma costela de Adão, pois é assim que vem escrito no Génesis.

Esta maneira de ler a Bíblia, frequente na Igreja católica e em muitas Igrejas Protestantes no século XIX apesar do desenvolvimento da crítica científica, mantém-se ainda hoje em certos meios e em determinadas seitas. Chama-se a esta leitura da Bíblia fundamentalismo porque ela toma cada uma das frases ou afirmações da Bíblia como um fundamento absoluto, sem se preocupar com o que está por detrás do sentido imediato das palavras. Era como se, ao ler O Lobo e o Cordeiro de La Fontaine, se acreditasse que no século XVII os animais falavam!»

(THÉO, Nouvelle encyclopédie catholique, Paris, 1989)

ameaça para a sociedade civil!

B. — Sem dúvida. Não se sentindo atingidos pelo devir do mundo terrestre — que está irremediavelmente condenado, segundo o pensar dos membros da «sociedade» — as «testemunhas de Jeová» recusam qualquer participação na vida social e todos os progressos que pensem melhorar a vida humana. Eles rejeitam o progresso social, educativo ou médico (as transfusões de sangue por exemplo). É uma heresia perfeita (heresia significa uma visão parcial e limitada da realidade).

F. C. — Vamos à história da sua saída da «sociedade».

B. — Ela teve origem na falsa profecia de 1975. A partir de então eu quis saber mais. De uma maneira um tanto fluida quis-me parecer que nós tínhamos uma visão demasiado simplista das coisas. Esta rigidez desgostava-me, mesmo quando eu repelia o meu embaraço, refugiando-me por detrás da argumentação clássica de que nós, as «testemunhas», somos os detentores da única verdade.

Em 1979, na altura em que eu estava encarregado de orientar o estudo do domingo de A Torre de Vigia (jornal publicado pelas «testemunhas de Jeová» — sai de 15 em 15 dias e contém os estudos que devem ser feitos em cada semana nas diferentes congregações), experimentei como que um bloqueio. Nesse dia o estudo era sobre a ressurreição; não estando totalmente de acordo com o conteúdo do texto, deixei ao meu adjunto a tarefa de ser ele a orientá-lo, dizendo-lhe eu que compreendia mal certas passagens. O meu adjunto não levou a bem as minhas hesitações e foi a partir daí que tudo começou.

Disse-me a mim mesmo que era preciso que eu visse mais claro. Fui a uma livraria em Nancy para comprar uma outra Bíblia — que não a nossa — o que para a «sociedade» é um sacrilégio. Pelas minhas perguntas o livreiro compreendeu que eu era uma «testemunha de Jeová». Mostrou-me, então, um dossier de fotocópias onde se continham uma compilação de todas as falsas profecias da nossa «sociedade» ao longo de um século. Estes documentos eram a prova de que a sacrossanta «sociedade» da qual eu fazia parte não tinha cessado de se comportar como falso profeta no sentido bíblico, desde a sua fundação. Eu voltei ao assalto e rapidamente o meu caso ganhou am-

plidão. As nossas instâncias regionais meteram-se nele. Tiveram lugar várias entrevistas em que o único argumento que se opunha, no fim de contas, era a necessidade de confiar cegamente na «sociedade» sem pôr problemas.

Não aceitei esta recomendação e continuei a ler a Bíblia, sem as olheiras que me queriam impor; à medida que ia avançando nas minhas investigações, apercebia-me curiosamente que havia no texto versículos que eu nunca tinha lido. Disse então sem reboço a minha convicção de que estávamos a enganar-nos em toda a linha. Enviaram-me a Paris, onde os nossos responsáveis nacionais não foram mais aptos em responder às minhas perguntas do que os meus «irmãos» da «região». Em Paris aconteceu que ameaças de expulsão começaram a cair-me em cima. Também aqui me aconselharam a confiar na «sociedade», pondo de parte os problemas. Fui recambiado de Paris, tendo-me sido dado um mês para reflectir.

Acabei por não esperar pelo fim do mês; escrevi uma carta a pedir a minha demissão. Três dias depois a «sociedade» proclamava a minha exclusão.

F. C. — E depois?

B. — Depois continuei os meus estudos bíblicos mais aprofundadamente, sempre com a preocupação de encontrar a verdade. Frequentei durante algum tempo a Igreja Metodista, também ela muito fundamentalista mas mais tolerante.

Todos estes anos passados entre as «testemunhas de Jeová» fizeram-me compreender quanto esta seita desfigurava o cristianismo e quanto era difícil às pessoas que dela saíam reencontrar o entusiasmo da fé.

F. C. — Todavia o senhor reencontrou esse entusiasmo...

B. — Sim, mas isso não aconteceu de um dia para o outro. Depressa me encontrei insatisfeito com o mundo «evangélico», muito dividido e demasiado fundamentalista. Os meus estudos bíblicos levaram-me então a fazer outras descobertas.

F. C. — Quais?

B. — Primeiro da realidade da Eucaristia. A «refeição» do Senhor não é um mero símbolo e só a Igreja Católica dá à «Cena» todo o seu sentido.

Discuti acerca da Eucaristia com

Continua na página 3

Em Fátima vai acontecer...

ATIVIDADES ABERTAS A TODOS

Semana Bíblica Nacional (27 de Agosto a 1 de Setembro), no Seminário do Verbo Divino (Inscrições: Secretariado Nacional de Dinamização Bíblica / Franciscanos Capuchinhos / 2495 FÁTIMA).

Curso Geral de Formação Catequética (13 a 22 de Agosto) e curso de Reciclagem de Formação Catequética (23 a 30 de Agosto), no Centro Catequético (Inscrições: Centro Catequético / Av. Beato Nuno / 2495 FÁTIMA).

Assembleia Nacional do Movimento Carismático (24 a 27 de Agosto) no Centro Pastoral Paulo VI (Inscrições: Dr.ª Maria Helena Amorim / Av. dos Bombeiros Voluntários, 66-6.-Dt. / Algés / 1495 LISBOA).

Semana Gregoriana (3 a 10 de Setembro), no Seminário do Verbo Divino (Inscrições: Liga dos Amigos do Canto Gregoriano / Rua da Alegria, 25-1.º / 1200 LISBOA).

Semana Nacional de Pastoral Social (4 a 8 de Setembro), no Centro Pastoral Paulo VI (Inscrições: Secretariado Nacional da Acção Social e Caritativa / Estrada do Forte da Ameixoeira, 19 / 1700 LISBOA).

VIII Semana Missionária Nacional (4 a 8 de Setembro) no Seminário do Verbo Divino (Inscrições: Sede da CNIR / Av. 5 de Outubro, 145-4.º / 1100 LISBOA).

ENCONTROS E RETIROS

Retiro inter-diocesano de doentes (10 a 13 de Agosto). Encontro nacional do Movimento dos Cruzados de Fátima (16 a 19 de Agosto).

Retiro da União Missionária Franciscana (16 a 20 de Agosto).

Retiro de doentes da diocese de Lamego (17 a 20 de Agosto).

Encontro nacional do Instituto Secular «Voluntárias de D. Bosco» (19 a 25 de Agosto).

Retiro do Clero de Portugal (21 a 25 de Agosto).

Retiro nacional para Senhoras da União Sacerdotal da Obra dos Anjos (21 a 26 de Agosto).

Retiro de Sacerdotes Espanhóis (21 a 26 de Agosto).

Retiro Nacional da União Missionária Franciscana (26 a 30 de Agosto).

Encontro nacional de jovens do Movimento dos Cruzados de Fátima (27 a 31 de Agosto).

Encontro internacional de Sacerdotes Salesianos (27 de Agosto a 1 de Setembro).

Retiro inter-diocesano de doentes (29 de Agosto a 1 de Setembro).

Retiro das Irmãs Salesianas de Setúbal (29 de Agosto a 9 de Setembro).

Catequistas reuniram-se

Perto de um milhar de catequistas e responsáveis de catequese a vários níveis, de todas as dioceses do país, estiveram reunidos, em Fátima, de 17 a 20 de Julho, nas Jornadas Catequéticas promovidas pelo departamento da Infância e Adolescência do Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Tratou-se do primeiro encontro do género realizado com a finalidade de dar a conhecer o programa da catequese da infância e adolescência aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa e com o objectivo de recolher sugestões para a renovação deste sector da catequese para o trabalho das equipas constituídas para a elaboração dos novos catecismos.

As conclusões apresentadas no final dos trabalhos sublinham a necessidade de uma catequese sistemática, catecumenal, comunitária e vivencial.

Aponta-se para «uma aposta decidida na formação de todos os agentes de pastoral catequética (bispos, padres e fiéis leigos), formação essa que deverá «envolver as famílias e as comunidades responsabilizando-as para a dinâmica catequética».

Nesta linha considera-se que a «comunidade paroquial tem que ser assumida como referência e meta da catequese».

Em relação aos novos catecismos, os participantes das Jornadas Catequéticas sugeriram que «devem exprimir as diversas situações da realidade portuguesa, nomeadamente a nível urbano e rural».

Devem ainda «ter em conta os subsídios dos audiovisuais» e a sua linguagem «deve ser acessível, a ilustração atraente e os textos para reuniões de pais claros e responsabilizantes».

12 anos nas «Testemunhas de Jeová»

(Continuação da 2.ª página)

dois eremitas de filiação dominicana. Estes encontros foram determinantes para mim. Este eremitério era aliás um lugar de acolhimento e de oração extraordinário, que acabou por desfazer as minhas últimas reticências em relação à Igreja Católica.

Os meus estudos bíblicos levaram-me também a compreender melhor a Igreja na acção de «Pedro» e a melhor perceber o seu testemunho de fé. E um dia eu tive fome da Eucaristia; tive fome de Deus. Sentí necessidade de comungar. Aquele foi para mim um momento de emoção intensa, como o foi aliás a redescoberta do canto do Credo, em que eu voltava a encontrar, em cada palavra proclamada, um artigo de fé que eu acabava de reconquistar passo a passo.

Sem sobressalto fui-me inserindo na Igreja. Acrescento que as leituras das biografias de Teresa de Ávila e do Cura d'Ars me ajudaram muito neste sentido. Ainda hoje ir a Ars é para mim uma grande alegria.

F. C. — Qual é a ideia que faz hoje desta Igreja em que foi reintegrado?

B. — Os católicos são, de facto, gente que morre de sede ao lado da fonte. Nem sempre eles se dão conta de que está tudo nesta teologia que é a sua. Acontece então que se lançam em aventuras perigosas e frustrantes, como aquela que eu vivi durante 12 anos na «sociedade» das «testemunhas de Jeová».

Ao redescobrir a Igreja eu deixava o mundo do medo para reencontrar o

mundo da graça. Deixava a rigidez doutrinal para reencontrar a esperança da salvação, que Jesus Cristo oferece a todos aqueles que desejam alcançá-la: aos estropiados, às prostitutas, aos coxos, aos ladrões, e não apenas aos 144 mil eleitos, como julgam as «testemunhas de Jeová».

F. C. — Quantos membros da «sociedade» há em França?

B. — Há mais de 100.000. De há uns anos para cá o crescimento é fenomenal. As inquietações do tempo presente não são estranhas a esta expansão.

F. C. — Quem são os seus adeptos?

B. — Gente simples em geral. Muitos desenraizados, emigrados; e, entre estes, curiosamente, também muitos muçulmanos e igualmente polacos, muitas vezes decepcionados por não encontrarem no país de acolhimento uma Igreja tão viva como aquela que deixaram na pátria.

F. C. — Que fazer para deter esta progressão?

B. — Primeiro, informar sem jamais se cansar, acerca dos perigos que correm no contacto com esta seita e com todas as outras que igualmente proliferam. Depois, rezar por todos estes filhos pródigos, tentar conduzi-los a Cristo e à Igreja, convidá-los a uma leitura sã da Palavra de Deus. Esta proliferação de falsas doutrinas deveria levar-nos a aproximar-nos de Deus, a afirmar a nossa fé e a reforçar a nossa unidade.

O EMIGRANTE E AS SEITAS RELIGIOSAS

De 10 a 16 de Julho de 1989, decorreu, na cidade do Funchal, o Encontro dos Secretariados Diocesanos da Pastoral das Migrações e de Delegados dos Missionários junto das Comunidades de emigrantes portugueses no estrangeiro, organizado pela Obra Católica Portuguesa de Migrações. A Comissão Episcopal de Migrações e Turismo acompanhou todos os trabalhos deste Encontro, na pessoa do seu Presidente, Senhor D. Teodoro de Faria, bispo do Funchal, e dos seus vogais D. Maurílio de Gouveia, arcebispo de Évora, e D. Manuel Martins, bispo de Setúbal.

O Encontro foi subordinado ao tema — «Influência e acção dos novos movimentos religiosos (vulgarmente designados por seitas) sobre as Comunidades de Emigrantes e Formação dos leigos para a promoção de uma pastoral eficiente».

Eis algumas das conclusões:

— Verifica-se que «novos movimentos religiosos» atingem hoje todas as Igrejas particulares e concretamente as dioceses do nosso país e as Comunidades Emigrantes, notando-se, além de uma propaganda por vezes eivada de fanatismo, a crescente quantidade desses novos grupos.

— Diversificados nas suas origens, doutrinas e métodos, «os novos movimentos religiosos» caracterizam-se, em geral, por um corte com as religiões históricas pelo seu hermetismo e desdém da ciência moderna, da liberdade de consciência e do diálogo ecuménico,

bem como pela adopção de processos de influência psicológica.

— Lendo e interpretando a Bíblia, de uma maneira fundamentalista e simplista, estes «movimentos» surgem como tentativas de preenchimento de brechas deixadas por uma sociedade demasiado técnica e despersonalizante e por formas religiosas sem profundidade e esclarecimento, que lançam muitos na insatisfação e no vazio.

— Factores de vária ordem tornam as Comunidades Emigrantes particularmente vulneráveis a esta penetração de ideias e movimentos estranhos à sua fé de origem. Aqueles que se encontram em situação de desenraizamento e insegurança descobrem nestes movimentos ou seitas apoio, acolhimento, resposta simples, reconhecimento do seu valor e não raro a ajuda económica ansiada.

— Preocupados com o surto crescente deste fenómeno, em vez de uma atitude de cruzada e de cedência à tentação de uma campanha radical e precipitada, devemos saber ler o referido fenómeno na sua globalidade, procurando responder a este desafio com verdadeiro esforço de empenhamento evangelizador. Sentindo não devermos negar a esses grupos o direito de existir e de se darem a conhecer, e, por outro lado, não podendo ignorar que eles violam muitas vezes a liberdade, a dignidade e outros direitos fundamentais da pessoa humana, devemos repensar a nossa actividade pastoral, especialmente no que se refere às Comunidades Portuguesas no estrangeiro.

— A convicção de que a fé simples e tradicional dos portugueses emigrantes é inabalável e capaz de resistir a todas as provas, que a integração na sociedade e na Igreja local é um dado adquirido e que um eventual regresso não levanta especiais problemas religiosos, tem talvez contribuído para uma certa ineficácia da Igreja perante a acção destes movimentos religiosos.

— A reflexão e o testemunho dos membros deste encontro evidenciaram a vulnerabilidade das pessoas de fé pouco esclarecida, com realce para os jovens, principalmente quando não têm trabalho, não participam na vida paroquial ou vivem de ambientes familiares instáveis.

— Neste contexto, a «formação dos leigos numa perspectiva ecuménica» deve ser uma das prioridades dos responsáveis pela acção pastoral no mundo da emigração. Aí, mais do que em Portugal, os nossos emigrantes sentem-se confrontados com religiões várias, como o Islamismo, o Judaísmo e o Protestantismo.

— Se até agora se verifica que as tradições cristãs fortemente mantidas são uma defesa natural contra a infiltração das seitas, foi sentimento unânime de que, hoje, não só essa consciência tradicional se vai desvanecendo, mas exige uma formação sólida dos leigos.

A experiência de algumas comunidades ajudou-nos a compreender a importância da formação realizada por alguns Grupos Bíblicos que consideramos necessário intensificar e desenvolver.

«FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER»

«Saiu o sementeiro para semear a sua semente... A semente é a palavra de Deus» (Lc. 8, 5. 11)... E claramente o Senhor, na parábola, classificou as espécies do terreno da sementeira de acordo com a qualidade da colheita.

A pergunta é-nos já familiar: Perante a Palavra de Deus, a que tipo de terreno tem correspondido cada um de nós? E a pergunta é tão natural porque, de acordo com a Palavra de Jesus, a semente é sempre ótima (é a própria Palavra de Deus) e o sementeiro cumpre o seu dever (semear e cuidar

da sementeira!) Assim sendo, o resultado desta sementeira dependerá sempre e só do terreno... que somos cada um de nós!

Quem, nos passados dias 15 e 16 de Julho, esteve em Fátima e observou o movimento à volta do Centro Pastoral Paulo VI, terá ficado, com certeza, embevecido: Multidões a chegarem, oriundas dos mais variados recantos do País, autocolantes ao peito, dísticos nas mãos, música no coração e nos lábios... tudo centrado na Bíblia, Palavra de Deus!... E, ao fim da

tarde, o Centro Paulo VI, cheio como um ovo, a cantar MARIA como a primeira testemunha da PALAVRA entusiasmada declamada, proclamada, cantada, rezada... Essas mais de três mil pessoas terão ficado, certamente, com esta certeza: A Palavra de Deus, da parábola, caiu em boa terra e está a frutificar a 100 por 1!

Mas será mesmo assim? Sobre tudo na vida de cada um de nós? E como o manifestamos?

Os Franciscanos Capuchinhos, na celebração dos seus 50 anos de presença oficial em Portugal e para os comemorar condignamente, nisto apostaram. E foi este Encontro Nacional de Grupos Bíblicos (que já é o 10.º) e foram dois retiros bíblicos, um na Casa da Sr.ª do Carmo — Santuário, e outro no Seminário do Verbo Divino; e foram inúmeros encontros de Grupos, a nível local ou regional, por todo o Portugal; e vai ser, dentro de pouco, a Semana Bíblica Nacional (a XII.ª!), com um tema deveras candente: «OS POBRES NA BÍBLIA... E NA VIDA DE HOJE».

Para esta, sobretudo, será importante, neste momento, chamar a atenção. De facto, encontramos-nos perante um dos escândalos mais gritantes do mundo actual: A POBREZA, melhor, a mais infamante miséria, no mundo. Para qualquer cristão, é um verdadeiro pecado mortal!

Esta Semana Bíblica, que decorrerá de 27 de Agosto a 1 de Setembro, nas instalações do Seminário do Verbo Divino, em Fátima, será organizada por este Secretariado Bíblico Nacional, versará temas tão actuais e importantes como: «O Deus dos Pobres» (pelo Frei Herculano Alves, Cap.); «O Messias dos Pobres» (por D. Geraldo Coelho Dias, Beneditino); «Os Pobres são evangelizados» (por Frei Bento Domingues, OP); «Tinhm tudo em comum» (pelo Cón. Godinho de Lima); «Opção preferencial pelos pobres» (pelo P.ª José Carlos da Silva Sousa). A exposição dos temas preencherá completamente as manhãs. Durante as tardes dos mesmos dias, desenvolver-se-ão sub-temas tanto e mais actuais que os próprios temas. Assim, a Dr.ª Manuela Silva falará sobre situações de pobreza em Portugal; haverá um trabalho de grupos sobre as causas e possíveis soluções dessa mesma pobreza no nosso País; e expor-se-ão experiências libertadoras da Pobreza em Portugal.

Como se vê, programa cheio e tentador.

Qual irá ser a resposta de cada um de nós? Deixemos que a Palavra de Deus nos ilumine e nos alimente o espírito, e nela iremos encontrando, em cada caso, a resposta exacta, pois a Palavra de Deus é sempre Palavra de vida eterna!

Frei José Machado Lopes, Cap.

Modere o uso das velas

(Continuação da 1.ª página)

número não determinável, mas também não desprezível de pessoas oferecem velas segundo números simbólicos que lhes foram recebidas por «mulheres de virtude», «astrólogos» e outras categorias do género.

O resultado mais evidente e desagradável é o péssimo aspecto que apresentam os tocheiros do Santuário, agravado com a necessidade de se queimarem na pira as velas que não podem ser colocadas nos tocheiros. Aquilo que deveria ser símbolo de claridade e da subtilidade da fé converte-se numa fogueira sem beleza e em fumaramada que enegrece tudo. A

má qualidade da cera contribui para a miséria do espectáculo, pois se derrete ao mais leve calor, e as velas altas torcem-se e apagam-se ao mais leve vento, deixando portanto de exercer a sua primordial função, que é a de arder. Com frequência, e sobretudo em dias de calor, resultam enormes labaredas que aterrorizam os peregrinos, e algumas vezes lançaram o fogo ao depósito de resíduos, com graves consequências.

Ora, apesar das grandes dimensões do Santuário, não nos parece que a solução devesse estar em alargarmos a extensão dos tocheiros. Logo, a solução deverá procurar-se noutra saída, que passa pela moderação do uso de velas.

Saudação aos novos leitores dos E. U. A.

A partir deste número de Agosto de 1989, iniciamos uma experiência que nos é proposta pela PROMOTORA PORTUGUESA, INC., com sede em New Bedford, Massachusetts. A experiência consiste em editar nos Estados Unidos a Voz da Fátima, distribuindo-a gratuitamente. Da nossa parte não podemos ver com melhores olhos uma tal iniciativa, já que assim se nos abre consideravelmente o legue humano a receber os ecos da Mensagem de Fátima. Ao Rev.º Padre Manuel Garcia, à Senhora Mary E. Silva, e a todos quantos certamente os vão ajudar nestas novas tarefas, desejamos desde já e pedimos a Nossa Senhora a melhor bênção de encorajamento. Aos emigrantes e outros amigos que começam a receber a Voz da Fátima, pedimos nos escrevam a dizer as suas impressões, certos de que os teremos presentes doravante de modo mais intenso nas orações do Santuário de Fátima.

O DIRECTOR

Movimento dos Cruzados de Fátima

Maria, Mãe da Igreja Peregrina

PEREGRINA COM O SEU FILHO

Desde a Anunciação, Maria de Nazaré, a «cheia de graça», tornou-se a Mãe de Deus-Filho, o Salvador e Redentor da humanidade, porque acreditou com grande Fé.

Por isso, Ela é verdadeiramente a Senhora da Fé. E a partir desse momento, também Ela se tornou a grande Peregrina.

Foi para o Egipto, alguns anos, para salvar o Seu Emmanuel, visitou a sua prima Isabel, deslocou-se a Jerusalém e andou por outros locais e, por último, percorreu os lugares da Paixão de Cristo e subiu ao monte Calvário para, como «mulher forte», ver de perto morrer o Seu Jesus. Ali, sozinha, com S. João, assistiu aos últimos momentos do Messias prometido. Foi a sua mais difícil e dolorosa Peregrinação, mas, para a Igreja e para os homens, a mais benéfica.

Também, como o Seu Filho, durante a Paixão foi insultada e gravemente ofendida — tem-no sido sempre através dos séculos até hoje — e ficou a dever a vida a alguns soldados romanos que, mais tarde, se fizeram cristãos.

PEREGRINA COM A IGREJA NASCENTE

Depois da ressurreição, assistiu ao nascimento da Igreja, pois estava no Cenáculo com os Apóstolos «implorando com as suas orações o dom do Espírito».

Ela, que já tinha sido feita Mãe dos homens no Calvário, torna-se agora a Mãe da Igreja, acompanhando-a nos primeiros passos e, pelos séculos fora, lá do Céu.

Ela mesma inicia a via-sacra, peregrinando (visitando) todos os lugares da Paixão, meditando profundamente em cada um deles. E de tal modo o fez que, quando foi viver com S. João para Éfeso, colocou por Suas próprias mãos os 14 marcos

à distância exacta dos mesmos locais de Jerusalém. E todos os dias fazia esta peregrinação devota, descendo e subindo a encosta, meditando e reflectindo neste grande mistério do sofrimento e morte de Jesus.

De Éfeso, peregrina pela última vez a Jerusalém, onde faz a Sua maravilhosa peregrinação em corpo e alma para o Céu, para se tornar a Rainha do Céu e da Terra, dos homens e dos anjos.

PEREGRINA DO CÉU AO MUNDO

Lá do Céu tem continuado a fazer as Suas peregrinações à Terra, para pedir ou avisar os homens, em momentos de perigo iminente para o mundo, que se emendem e deixem de ofender a Deus: em Paris (Rua du Bac), La Salette, Lourdes, Pontmain, Fátima, Beauraing, Baneux, Siracusa, etc., etc. — lugares estes que se tornaram autênticas «antenas de Deus», locais santos de peregrinação do Povo de Deus, depois de declarados factos reais pela Igreja, em ordem a uma maior vivência da fé.

A IGREJA QUE IMITA A SUA MÃE

Aliás esta mesma «Igreja peregrina», filha da Mãe de Jesus, tem feito, desde a sua fundação por Deus-Filho até agora, uma longa caminhada, através dos séculos, e uma grande peregrinação por todo o mundo, anunciando a «Boa-Nova do Evangelho», como Jesus lhe ordenou na pessoa dos Apóstolos.

E como o seu fundador, tem sido martirizada, vexada e sofrido muito (às vezes tem sido mesmo abafada a sua voz nalgumas partes do mundo, para depois ressuscitar com novo vigor), a par das alegrias e esperanças contínuas em que vive.

A Igreja de Cristo, condutora do Povo de Deus por vontade expressa do mesmo Deus, é o novo «Israel» nascido no dia de

Pentecostes, a peregrinar para a verdadeira «Terra da Promissão».

E assim como o Israel do Antigo Testamento peregrinou desde o Egipto até à «terra prometida», durante longos anos através do deserto, entre gemidos e dores, entre paz, guerra e pecados (às vezes até foi castigado duramente por Deus por causa dos seus erros) — mas sempre assistido e guiado por Deus — também a Igreja de Cristo tem feito a sua longa caminhada-peregrinação, com os seus defeitos e virtudes, mas caminhando sempre, com fé e esperança, difundindo a mesma fé, e igualmente assistida pelo Espírito Santo e por Maria de Nazaré, porque Ela é realmente sua Mãe, cooperando, assim, com a mesma Igreja, na obra da salvação do Povo de Deus, abençoando a sua acção apostólica.

FALA-NOS EM FÁTIMA

Maria é, como filha e Mãe da Igreja, a peregrina mais santa desde sempre, quer durante a Sua vida terrena, quer, sobretudo, agora lá no Céu; sempre que peregrina a qualquer lugar da Terra, traz uma Mensagem que é a mesma do Evangelho.

Assim aconteceu na Cova da Iria, cujo «recado» dado aos Pastorinhos se chama precisamente Mensagem de Fátima.

É uma Mensagem cheia de esperança, mas que pede, exige uma mudança de vida, uma vivência completa da fé recebida no Baptismo, para se cumprir a vontade de Deus.

Isto requer uma longa caminhada, sem parar, uma difícil peregrinação na fé através de todos os actos da nossa vida. Não basta peregrinar humanamente até Fátima, se a vida da fé não muda de verdade.

P. JOSÉ ALBERTO MARTINS DA FONSECA, Assistente do Movimento na Arquidiocese de Braga.

Mensagem de Fátima no Brasil

Numa das paróquias da cidade Dr. Camargo (Paramá) há um grupo de pessoas empenhadas na vivência e difusão da Mensagem de Fátima.

Entre outras iniciativas levadas a efeito, como a vivência dos cinco primeiros sábados, o terço em família, etc., promoveram no dia 25 de Maio uma vigília mariana que foi muito vivida e participada.

Segundo notícias que nos chegaram, foram os jovens que mais vibraram de entusiasmo nessa noite memorável. Houve tempo de oração intensa e uma representação ao vivo das Aparições de Nossa Senhora de Fátima e do Anjo, cânticos de Fátima, etc.. Está projectada vigília idêntica, de 12 para 13 de Outubro.

Folha Informativa

O secretariado diocesano do Algarve edita uma «Folha Informativa» mensal que, além de ser um elo de ligação entre os associados do Movimento, é um meio difusor da Mensagem de Fátima apontando, também, caminhos de acção dos três campos de pastoral — Oração, Peregrinações e Pastoral de Doentes.

Achamos interessante esta iniciativa que revela dinamismo e entusiasmo por parte do secretariado diocesano do Algarve, que está de parabéns.

Monumento em S. Pedro

Para perpetuar o Ano Mariano e as Aparições de Fátima, a direcção paroquial do Movimento dos Cruzados de Fátima de S. Pedro de Castelões, diocese do Porto, erigiu um monumento a Nossa Senhora e aos Pastorinhos para o qual teve o apoio de toda a freguesia.

A festa de inauguração, realizada a 8 de Dezembro do ano passado, foi precedida dum semana de pregação e oração. Estiveram presentes, além do pároco e outros sacerdotes, os presidentes da Câmara e Junta de Freguesia e largas centenas de paroquianos e cruzados de paróquias vizinhas.

O presidente da Junta consagrou a freguesia de S. Pedro de Castelões a Nossa Senhora.

Nichos de Nossa Senhora

Faz parte do programa do Movimento dos Cruzados de Fátima o zelar e velar pelos nichos de Nossa Senhora ao longo das estradas e caminhos de Portugal. Sabemos que existem 1.240 dedicados a Nossa Senhora de Fátima.

Alguém nos perguntou para onde vai o dinheiro que os devotos deixam nesses nichos. O Secretariado Nacional nada tem a ver com esses dinheiros nem sabemos quem o recolhe. É um assunto que diz respeito à autoridade eclesiástica da respectiva diocese ou paróquia.

Seria bom que os Cruzados de Fátima que zelam esses nichos informassem os secretariados diocesanos do Movimento do que se passa sobre o assunto.

Confessor a 50 Km

Há dias, estando a falar sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria, uma pessoa responsável da pastoral numa zona da diocese sem sacerdote, disse: Nós estamos a fazer a vivência dos 5 primeiros sábados e, para nos confessarmos, de vez em quando temos de alugar um autocarro de 55 lugares para nos deslocarmos a 50 quilómetros, onde há um sacerdote para nos atender.

Todos os participantes do encontro ficaram impressionados com este gesto de Fé no Sacramento da Reconciliação (Confissão) e da boa vontade em responder ao pedido de Nossa Senhora.

Ao ouvir isto reflecti: quantos não há que tendo as facilidades que esta gente não tem, se mantêm indiferentes perante um apelo tão oportuno e urgente da Senhora da Mensagem! «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração» (2.ª aparição de Nossa Senhora em 1917); devoção que se pode concretizar no pedido específico de Jesus e Maria à vidente Lúcia em Pontevedra, Espanha, a 10.12.1925, a vivência dos 5 primeiros sábados.

Que resposta estão a dar os portugueses a este pedido? Talvez não tenham ainda descoberto o dinamismo que esta vivência tem no processo de conversão e mudança de vida.

Deus quer, através do Coração de Maria, operar em nós a purificação do coração e a reconciliação com Ele e com os irmãos.

P. MANUEL ANTUNES

Preparemos a nossa Peregrinação

Os dias 9 e 10 de Setembro vão ser tempos fortes para os associados do Movimento dos Cruzados de Fátima. Procurem todos participar nesta peregrinação, mesmo os que, por motivos justos, não possam vir a Fátima.

Não esqueçam que uma boa peregrinação prepara-se com antecedência. As dioceses e paróquias organizem tudo conforme tem sido indicado.

Confessem-se nas vossas terras, pois no Santuário é um tanto difícil.

Em cada camioneta, um ou dois bons animadores. Podem utilizar o roteiro do Movimento, publicado em 1987. É natural que alguns secretariados diocesanos ainda tenham alguns; o Secretariado Nacional não tem.

Sejam pontuais; às 16 horas do dia 9, todos junto à Cruz Alta, para, às 17, começar o desfile em direcção à Capelinha, teremos o encontro geral no Centro Pastoral Paulo VI e a chamada das dioceses. O programa da peregrinação é o mesmo dos dias 12 e 13, com vigília de oração durante toda a noite.

Venham em grande número e bem organizados.

Os responsáveis paroquiais comuniquem, com a possível urgência, aos secretariados diocesanos o número de pessoas e autocarros que vêm da paróquia. Vão ser enviados aos secretariados autocarros com a frase do tema de reflexão do Santuário: «Reconciliai-vos com Deus».

Venham como peregrinos e não como turistas. Façamos da nossa peregrinação testemunho de Fé e seriedade. Sabemos, através de cartas que nos são enviadas, que a peregrinação dos Cruzados de Fátima — apóstolos da Senhora da mensagem, tem dado bom testemunho. Façamos o que estiver ao nosso alcance para que tudo decorra bem, sobretudo façamos desta peregrinação tempo de oração e penitência.

P. MANUEL ANTUNES

Não digais vou pagar o Jornal

Quem paga o jornal é um simples leitor que nada tem a ver com o nosso Movimento; pode até nem ter prática religiosa e ser assinante deste ou de outro qualquer jornal.

Nós, os associados do Movimento, no pleno uso dos nossos direitos e obrigações, pagamos a nossa quota que é o contributo legítimo e generoso com que participamos nas despesas de organização do Movimento e nas acções de promoção da vivência e difusão da Mensagem de Fátima e ainda nas muitas missas celebradas por todos os associados vivos e defuntos.

O pagamento da quota inteira dá direito ao jornal mensal.

A quota é de 180\$00 por ano.

Metade desta quota destina-se ao Secretariado Diocesano para as suas despesas e actividades, depois de descontados 10% para a celebração de missas pelos associados vivos e falecidos; a outra parte é enviada ao Secretariado Nacional que, depois de pagar o jornal e o estipêndio da missa diária celebrada na Basílica do Santuário às 9 horas, conta com o restante para fazer face a todas as despesas e actividades de âmbito nacional.

Não pode o Secretariado Nacional promover todas as actividades que a expansão do Movimento exige nem satisfazer facilmente os seus compromissos financeiros, não só porque o que lhe fica disponível é pouco, mas também porque os secretariados diocesanos têm dificuldade em receber das paróquias as quo-

tas em devido tempo.

Salvo honrosas e raras excepções, alguns secretariados pagam com muito atraso as suas contas, causando ao Secretariado Nacional sérios e graves problemas para que o jornal não deixe de sair a tempo por falta de pagamento à tipografia.

Se é certo que a quota tem vindo a ser aumentada, o certo é que em relação ao actual custo de vida e ao preço do jornal não se pode considerar cara. Pagar uma quota de 15\$00 mensal com direito ao jornal temos de concordar que é pouco.

O amor a Nossa Senhora e ao Movimento também se prova pela forma co-

mo cumprimos os nossos deveres de associados. É uma atitude penitencial privar-nos de coisas para fazermos o bem. Assim fizeram os primeiros Cruzados de Fátima — Jacinta, Francisco e Lúcia.

Tentando ultrapassar as dificuldades que, sem necessidade, temos tido, pedimos com insistência que paguem as suas quotas no início de cada ano, permitindo assim que, quer a nível diocesano quer nacional, as contas se regularizem e as actividades se possam programar sem receio de não haver meios financeiros para as realizar.

O Secretariado Nacional

PEREGRINAÇÃO DO MOVIMENTO

DIA 9 — SÁBADO

- 17.00 — Desfile (Programa oficial).
- 18.00 — Encontro no Centro Pastoral Paulo VI.
- 21.30 — Terço e Procissão de Velas (Programa oficial).
- 22.30 — Eucaristia.
- 00.00 — Via-Sacra.
- 01.30 — Adoração Eucarística, na Basílica (Braga).
- 03.30 — Hora Mariana, na Capelinha (Aveiro).
- 05.00 — Adoração Eucarística (Porto).
- 06.00 — Adoração Eucarística e Laudes (Lamego).

DIA 10 — DOMINGO

Participação nos actos oficiais do Santuário.